

Surgimento da Sociologia

A Sociologia surgiu na primeira metade do século XIX, a partir das ideias do filósofo francês Auguste Comte. Comte entendeu que a sociedade europeia passava por um turbilhão de transformações desde o Renascimento e que a Revolução Industrial teria coroado o ápice das transformações.

A Revolução Francesa, no século XVIII, teria deixado um cenário caótico e instável, que necessitava de correção para que houvesse uma retomada do crescimento econômico, social, moral, científico e político do mundo. Auguste Comte formulou, então, as ideias positivistas, que foram o centro dessa primeira produção sociológica.

A Sociologia como ciência

Comte deu o primeiro passo para a criação da Sociologia. Porém, o sociólogo francês Émile Durkheim formulou uma crítica ao pensamento comtiano que, na visão de Durkheim, era demasiado metafísico e não atingia, de fato, o estágio positivo capaz de criar uma ciência rigorosa para a sociedade, pois era baseado em abstrações.

Para Durkheim, uma ciência da sociedade deveria ter o seu próprio método de análise capaz de operar autonomamente, pois as leis das ciências naturais não seriam suficientes para compreender o todo complexo que eram as sociedades capitalistas industriais.

Durkheim formulou o método comparativo de análise social baseado no que ele chamou de fatos sociais. Segundo o sociólogo francês, existem traços comuns que se repetem em todas as sociedades, os fatos sociais, e o papel do sociólogo seria identificar esses fatos e comparar os dados obtidos das diferentes sociedades.

Contexto histórico do surgimento da Sociologia

Uma série de fatores modificou a economia, a política e a sociedade europeia como um todo. Essa série de fatores desencadeou uma nova organização social que precisava ser compreendida por meio de um método de análise social. São os principais fatores históricos que influenciaram o surgimento da Sociologia:

- Renascimento

O renascimento é o período de transição de uma Europa medieval para uma Europa moderna, que passa a valorizar mais a ciência e as artes, reconhecendo a distinção e a importância da razão e do conhecimento humano, além de separá-los dos conhecimentos religiosos.

- Surgimento do Capitalismo

O mercantilismo, que consiste na primeira fase do capitalismo moderno, desencadeou uma série de fatores que modificaram o cenário europeu. Um deles foi a expansão marítima e comercial, que possibilitou um desenvolvimento econômico mais complexo e a exploração das colônias situadas nas Américas, na África, na Índia e em parte da Ásia.

- Iluminismo

Uma nova concepção intelectual e política, surgiu com o iluminismo (séculos XVII e XVIII). As ideias de igualdade e de disseminação do conhecimento intelectual propagaram-se e trouxeram à humanidade o entendimento de que a evolução moral e social está diretamente ligada à evolução intelectual.

Os ideais iluministas projetaram um novo cenário intelectual e político ideal, baseado na justificação jurídica e política dos poderes e na separação entre Estado e Igreja. A partir disso, as pessoas passaram a buscar, pouco a pouco, os seus direitos e a exigir do Estado a legalidade em suas ações.

- Revoluções Burguesas

As revoluções ocorridas entre os séculos XVII e XVIII, de inspiração burguesa, como a Revolução Inglesa, a Revolução Americana e a Revolução Francesa (essa última inspirada por pensadores iluministas), trouxeram uma nova forma de se pensar no Estado e no governo, afastando o Antigo Regime e dando lugar ao republicanismo, o que alterou a lógica social e governamental.

- Revolução Industrial

Houve uma alteração na configuração populacional devido à Revolução Industrial, pois a Europa, até então sumariamente rural, observava uma explosão demográfica nas cidades devido à abertura de indústrias, principalmente na Inglaterra.

Os grandes centros urbanos que surgiram repentinamente não tiveram estrutura para abrigar tantas pessoas, e os postos de trabalho também não foram suficientes para todos, o que desencadeou problemas sociais e sanitários, que deixaram como rastro doenças, fome, miséria, desigualdade social e alta taxa de criminalidade.

Concomitantemente com os fatores negativos, a Revolução Industrial promoveu uma série de benefícios ligados ao desenvolvimento tecnológico, que promoveram um maior conhecimento técnico especializado e a capacidade de produção em larga escala, o que propiciou o crescimento populacional.

Diante de tantas mudanças que tornaram a vida nas cidades mais complexa, era necessário estabelecer uma forma de entender essa nova Europa, mais desenvolvida em certos aspectos e problemática em outros.

Diante de tantas mudanças que tornaram a vida nas cidades mais complexa, era necessário estabelecer uma forma de entender essa nova Europa, mais desenvolvida em certos aspectos e problemática em outros.

Texto de Francisco Porfírio

Fonte:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/surgimento-sociologia>.

AUGUSTO COMTE



O nome do francês Auguste Comte (1798-1857) está indissociavelmente ligado ao positivismo, corrente

filosófica que ele fundou com o objetivo de reorganizar o conhecimento humano e teve grande influência no Brasil. Ele também é considerado o grande sistematizador da Sociologia.

O filósofo viveu num período da história francesa em que se alternavam regimes despóticos e revoluções. A turbulência levou não só a um descontentamento geral com a política como também a uma crise dos valores tradicionais. Comte procurou dar uma resposta a esse estado de ânimo pela combinação de elementos da obra de pensadores anteriores e contemporâneos, resultando num corpo teórico a que chamou de Positivismo. “Ele reviu as ciências para definir o que, nelas, decorria da realidade dos fatos e permitia a formulação de leis naturais, que orientariam os homens a agir para modificar a natureza”, diz Arthur Virmond de Lacerda, professor da Faculdade Internacional de Curitiba.

Um dos fundamentos do Positivismo é a ideia de que tudo o que se refere ao ser humano pode ser sistematizado segundo os princípios adotados como critério de verdade para as ciências exatas e biológicas. Isso se aplicaria também aos fenômenos sociais, que deveriam ser reduzidos a leis gerais como as da física. Para Comte, a análise científica aplicada aos agrupamentos humanos é o cerne da Sociologia, cujo objetivo seria planejar a organização social e política.

O funcionamento da sociedade, para Comte, obedeceria a diretrizes predeterminadas para promover o bem-estar do maior número possível de indivíduos. Além de uma reformulação geral das ciências e da organização sociopolítica, o filósofo projetou uma nova ordem espiritual, inspirada na hierarquia e na disciplina da Igreja Católica, que considerava muito eficiente. A nova doutrina, porém, se dissociava totalmente da teologia cristã, que Comte rejeitava por se basear no sobrenatural, e não no materialismo científico. No fim da vida, ele chegou a preconizar a construção de templos positivistas, onde a humanidade, e não a divindade, seria venerada. O filósofo via a humanidade como uma entidade una, que chamou de Grande Ser.

Comte formulou uma lei histórica de três estágios (*A Teoria dos Três Estados*). Segundo ela, o pensamento humano partiu de um **estágio teológico**, quando recorria às ideias de deuses e espíritos para explicar os fenômenos naturais, e passou para um **estágio metafísico**, caracterizado por fundamentar o conhecimento em abstrações – como essências, causas finais ou concepções idealizadas da natureza. Para Comte, a humanidade só alcançaria plenitude intelectual ao chegar ao **estágio positivo**, com admissão dos limites do entendimento. Para ele, a razão não é capaz de operar a não ser pela via da experiência concreta. Todo esforço da ciência e da filosofia deveria se restringir, portanto, a encontrar as leis que regem os fenômenos observáveis.

Antes de Comte, a Sociologia já havia dados os primeiros passos, mas foi ele que a organizou como ciência, dividida em duas áreas: **estática social** e **dinâmica social**. A primeira estuda as forças que mantêm a sociedade unida, enquanto a segunda se volta para as mudanças e suas causas. A estática se fundamenta na ordem e a dinâmica no progresso – daí o lema “ordem e progresso”, que figura na bandeira brasileira por inspiração comtiana. Conhecidos a estrutura e os processos de transformação da sociedade, seria possível, para o pensador reformar as instituições e aperfeiçoá-las. “As leis sociológicas permitem planejar o futuro por que

indicam critérios de atuação política”, diz Virmond de Lacerda.

A concepção planejada das reformas sociais que o filósofo julgava necessárias não era compatível com a democracia, imprevisível por natureza, e por isso Comte a rejeitou. Ele acreditava que a ciência positiva seria um fundamento da fraternidade entre os homens, mas a responsabilidade por conduzir o aperfeiçoamento das instituições estaria restrita a uma elite de cientistas.

O filósofo via todas as sociedades constituídas por núcleos permanentes, como a família e a propriedade, que devem promover o progresso. O Positivismo compara a sociedade a um organismo biológico, no qual nenhuma parte tem existência independente. Num estágio positivo, próximo a perfeição, não haveria lugar para o individualismo, apenas para o desenvolvimento da solidariedade e do altruísmo de cada um em favor da coletividade.

O projeto sociopolítico de Comte pressupunha uma evolução ordeira da sociedade, incompatível com as revoluções e mudanças bruscas. Curiosamente, no Brasil os ideais positivistas serviram para alavancar uma troca de regime, com a Proclamação da República.

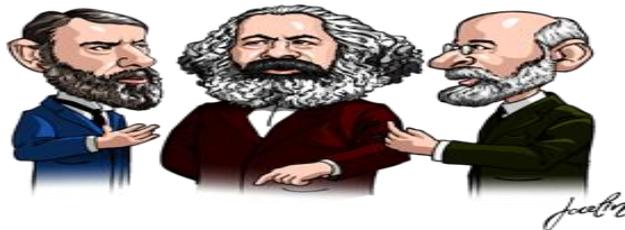
O aparente paradoxo se explica, em parte, pelo fato de a influência positivista ter resultado em pensamentos muitos diversos no Brasil, conforme se combinou com outras correntes teóricas. Nenhum setor teve maior presença da ideologia comtiana do que as Forças Armadas, de onde saiu o vitorioso movimento republicano e a ideia de adotar o lema “*Ordem e Progresso*”.

Várias das medidas governamentais dos primeiros anos da República tiveram inspiração positivista, como a reforma educativa de 1891 e, no mesmo ano, a separação oficial entre Igreja e Estado. O positivismo ficou de tal forma conhecido no Brasil que o prenome de Comte foi aportuguesado para Augusto e a corrente filosófica tornou-se tema de um samba de Noel Rosa e Orestes Barbosa. A canção, intitulada *Positivismo* e lançada em 1933, termina com os versos: “*O amor vem por princípio, a ordem por base. O progresso é que deve vir por fim. Desprezastes esta lei de Auguste Comte. E foste ser feliz longe de mim*”.

Bibliografia:

REVISTA NOVA ESCOLA, Edição Especial
Grandes Pensadores. São Paulo: Abril,
2009.

OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA



A Sociologia possui diversos teóricos, porém os pensadores Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são considerados os teóricos “clássicos” desta ciência pela originalidade de suas discussões e contribuições na construção do pensamento sobre a sociedade. A seguir vamos conhecer os conceitos e palavras chaves de cada um dos “clássicos”.

Karl Marx

O alemão Karl Marx viveu no século XIX, entre 1818 a 1883. Foi um pensador crítico do capitalismo e procurava analisar a exploração vivida pelos trabalhadores e as desigualdades sociais. Seu conceito principal era “classes sociais” e sua palavra-chave é “conflito”.

- Classes Sociais

São grupos sociais com interesses diferentes que existem nas sociedades, em uma relação antagônica e conflituosa, onde há uma classe dominante e uma classe dominada.

- Conflito

Para Marx, o “conflito” está presente na sociedade, pois nesta há classes sociais com interesses diferentes, uma explorando e outra sendo explorada, a qual por meio das relações conflituosas poderia buscar liberta-se da exploração que vive.

Émile Durkheim

O francês Émile Durkheim viveu entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, entre 1858 a 1917. Foi um sociólogo que ajudou a desenvolver a sociologia como ciência, buscando estabelecer para esta um método e um objeto de estudo. Seu conceito principal era “fato social” e sua palavra-chave é “consenso”.

- Fato Social

É toda forma de pensar, sentir e agir que é imposta de maneira coercitiva aos membros de uma sociedade.

- Consenso

Para Durkheim, uma sociedade somente poderia avançar se seus membros seguissem regras morais comuns a todos, ou seja, se houvesse “consenso” em seguir as ideias estabelecidas pela sociedade.

Max Weber

O alemão Max Weber viveu entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, entre 1864 a 1920. Contribuiu para o desenvolvimento do pensamento sociológico buscando compreender a ação social dos indivíduos nas suas relações sociais. Seu conceito principal era “ação social” e sua palavra-chave é “compreensão”.

- Ação Social

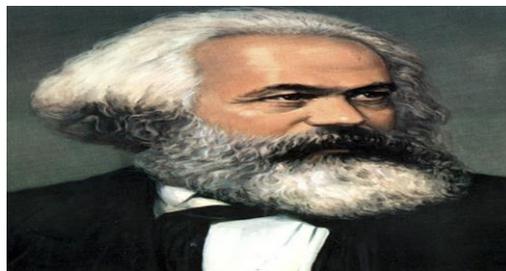
É toda e qualquer ação que um indivíduo faz para que outro indivíduo compreenda. É uma ação com sentido, feita em direção aos outros.

- Compreensão

Para Weber, é necessária a “compreensão” sobre a ação social das pessoas para que se compreenda a sociedade. Esta segundo ele é uma expressão dos tipos de ação social que os indivíduos fazem em suas mais diversas relações.

Conhecendo os Clássicos e suas Ideias:

KARL MARX



Para o alemão Karl Marx (1818-1883), os indivíduos devem ser analisados de acordo com o contexto de suas condições e situações sociais, já que produzem sua existência em grupo. O homem primitivo, segundo ele, diferenciava-se dos outros animais não apenas pelas características biológicas, mas também por aquilo que realizava no espaço e na época em que vivia. Caçando, defendendo-se e criando instrumentos, os indivíduos construíram sua história e sua existência no grupo social.

Ainda segundo Marx, a ideia de indivíduo isolado só apareceu efetivamente na sociedade de livre concorrência, ou seja, no momento em que as condições históricas criaram os princípios da sociedade capitalista. Tomemos um exemplo simples dessa sociedade. Quando um operário é aceito numa empresa, assina um contrato do qual consta que deve trabalhar tantas horas por dia e por semana e que tem determinados deveres e direitos, além de um salário mensal. Nesse exemplo, existem dois indivíduos se relacionando: o operário, que vende sua força de trabalho, e o empresário, que compra essa força de trabalho. Aparentemente se trata de um contrato de compra e venda entre iguais. Mas só aparentemente, pois o “vendedor” não escolhe onde nem como vai trabalhar. As condições já estão impostas pelo empresário e pelo meio sociais.

Essa relação entre dois, no entanto, não é apenas entre indivíduos, mas também entre classes sociais: a operária e a burguesa. Eles só se relacionam nesse caso, por causa do trabalho: o empresário precisa da força de trabalho do operário e este precisa do salário. As condições que permitem esse relacionamento são definidas pela luta que se estabelece entre as classes, com a intervenção do Estado, por meio das leis, dos tribunais ou da polícia.

Bibliografia:

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva: 2010.

Alienação

A palavra "alienação" tem um conteúdo jurídico que designa a transferência ou venda de um bem ou direito. Mas, desde a publicação da obra de Rousseau (1712-1778), passa a predominar para o termo a ideia de privação, falta ou exclusão. Filósofos alemães, como Hegel e Feuerbach, também fazem uso da palavra, emprestando-lhe um sentido de desumanização e injustiça que será absorvido por Marx. Este faz do conceito uma peça-chave de sua teoria para a compreensão da exploração econômica exercida sobre o trabalhador no capitalismo. A indústria, a propriedade privada e o assalariamento alienavam ou separavam o operário dos "meios de produção" – ferramentas, matéria-prima, terra e máquina — e do fruto de seu trabalho, que se tornaram propriedade privada do empresário capitalista.

Politicamente, também o homem se tornou alienado, pois o princípio da representatividade, base do liberalismo, criou a ideia de Estado como um órgão político imparcial, capaz de representar toda a sociedade e dirigi-la pelo poder delegado pelos indivíduos. Marx mostrou, entretanto, que na sociedade de classes esse Estado representa apenas a classe dominante e age conforme o interesse desta.

As classes sociais

Outro conceito basilar do marxismo é o de classes sociais, que Marx desenvolve na busca por denunciar as desigualdades sociais contra a falsa ideia de igualdade política e jurídica proclamada pelos liberais. Para ele, os inalienáveis direitos de liberdade e justiça, considerados naturais pelo liberalismo, não resistem às evidências das desigualdades sociais promovidas pelas "relações de produção", que dividem os homens em proprietários e não-proprietários dos meios de produção. Dessa divisão se originam as classes sociais: os "proletários" - trabalhadores despossuídos dos "meios de produção", que vendem sua força de trabalho em troca de salário — e os "capitalistas", que, possuindo meios de produção sob a forma legal da propriedade privada, "apropriam-se" do produto do trabalho de seus operários em troca do salário do qual eles dependem para sobreviver.

As classes sociais formadas no capitalismo — burgueses e proletários - estabelecem intransponíveis desigualdades entre os homens e relações que são, antes de tudo, de antagonismo e exploração. A oposição e o antagonismo derivam dos interesses inconciliáveis entre as classes — o capitalista desejando preservar seu direito à propriedade dos meios de produção e dos produtos e à máxima exploração do trabalho do operário, pagando baixos salários ou ampliando a jornada de trabalho. O trabalhador, por sua vez, luta contra a exploração, reivindicando menor jornada de trabalho, melhores salários e participação nos lucros que se acumulam com a venda daquilo que ele produziu.

Por outro lado, apesar das oposições, as classes sociais são também complementares e interdependentes, pois uma só existe em função da outra. Só existem proprietários porque há uma massa de despossuídos cuja única propriedade é sua força de trabalho, dispostos a vendê-la para assegurar sua sobrevivência. De igual maneira, só existem proletários porque há alguém que lucra com seu assalariamento.

Para Marx, a história humana é a história da luta de classes, de disputa constante por interesses que se opõem, embora essa oposição nem sempre se manifeste socialmente sob a forma de conflito ou guerra declarada. As divergências e antagonismos das classes estão subjacentes a toda relação social, nos mais diversos níveis da sociedade, em todos os tempos, desde o surgimento da sociedade.

Bibliografia:

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da Sociedade* 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005

Ideologia

Karl Marx não apresentou uma única definição de ideologia. No livro *A ideologia alemã* (1846), ele se referiu à ideologia como um sistema elaborado de representações e de ideias que correspondem a formas de consciência que os homens têm em determinada época.

Ele afirmou ainda que as ideias dominantes em qualquer época são sempre as de quem domina a vida material e, portanto, a vida intelectual.

Marx desenvolveu a concepção de que a ideologia é a inversão da realidade, no sentido de reflexo, como uma câmara fotográfica, em que a imagem aparece "invertida". Contraindo-se a muitos autores que acreditavam que as ideias transformavam e definiam a realidade, Marx afirmava que a existência social condicionava a consciência dos indivíduos sobre a situação em que viviam. Assim, para Marx, as ideologias não são meras ilusões e aparências — e muito menos o fundamento da história —, mas são uma realidade objetiva e atuante.

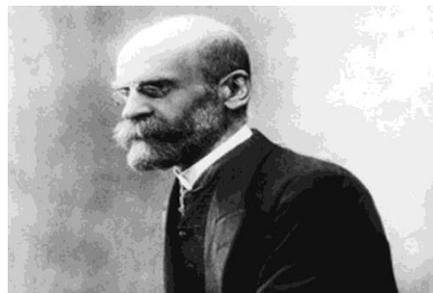
No mesmo livro de Marx, pode-se encontrar a explicação de que a ideologia é resultante da divisão entre o trabalho manual e o intelectual. O trabalho intelectual esteve nas mãos da classe dominante e, assim, à medida que pôde "emancipar-se" da realidade concreta em que foi produzido e se transformar em teoria pura, pôde também transformar-se em teoria geral para todas as sociedades, sem levar em conta a história de cada uma delas.

Bibliografia:

TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o Ensino Médio*. 2. ed. São Paulo: Saraiva: 2010.

Conhecendo os Clássicos:

EMILE DURKHEIM



Embora Comte seja considerado o pai de sociologia e tenha-lhe dado esse nome, Durkheim (1858-1917) é apontado como um de seus primeiros grandes teóricos. Ele e seus colaboradores se esforçaram por emancipar a sociologia das demais teorias sobre a sociedade e constituí-la como disciplina rigorosamente científica. Em livros e cursos, sua preocupação foi definir com precisão o objeto, o método e as aplicações dessa nova ciência.

Imbuído dos princípios positivistas, Durkheim queria definir com rigor a sociologia como ciência, estabelecendo seus princípios e limites e rompendo com as ideias de senso comum — os "achismos" — que interpretavam a realidade social de maneira vulgar e sem critérios.

Em uma de suas obras fundamentais, *As regras do método sociológico*, publicada em 1895, Durkheim definiu com clareza o objeto da sociologia — os fatos sociais.

De acordo com as ideias defendidas nesse trabalho, para o autor, o fato social é experimentado pelo indivíduo como uma realidade independente e preexistente. Assim, são três as características básicas que distinguem os fatos sociais. A primeira delas é a "coerção social" ("*coercitividade*"), ou seja, a força que os fatos exercem sobre os indivíduos, levando-os a conformarem-

se às regras da sociedade em que vivem, independentemente de sua vontade e escolha. Essa força se manifesta quando o indivíduo desenvolve ou adquire um idioma, quando é criado e se submete a um determinado tipo de formação familiar ou quando está subordinado a certo código de leis ou regras morais. Nessas circunstâncias, o ser humano experimenta a força da sociedade sobre si.

A força coercitiva dos fatos sociais se torna evidente pelas “sanções legais” ou “espontâneas” a que o indivíduo está sujeito quando tenta rebelar-se contra ela. “Legais” são as sanções prescritas pela sociedade, sob a forma de leis, nas quais se define a infração e se estabelece a penalidade correspondente. “Espontâneas” são as que afloram como resposta a uma conduta considerada inadequada por um grupo ou por uma sociedade. Multas de trânsito, por exemplo, fazem parte das coerções legais, pois estão previstas e regulamentadas pela legislação que regula o tráfego de veículos e pessoas pelas vias públicas. Já os olhares de reprovação de que somos alvo quando comparecemos a um local com a roupa inadequada constituem sanções espontâneas. Embora não codificados em lei, esses olhares têm o poder de conduzir o infrator para o comportamento esperado. Durkheim dá o seguinte exemplo das sanções espontâneas:

O comportamento desviante num grupo social pode não ter penalidade prevista por lei, mas o grupo pode espontaneamente reagir castigando quem se comporta de forma discordante em relação determinados valores e princípios. A reação negativa da sociedade a certa atitude ou comportamento é, muitas vezes, mais intimidadora do que a lei. Jogar lixo no chão ou fumar em certos lugares – mesmo quando não proibidos por lei nem reprimidos por penalidade explícita – são comportamentos inibidos pela reação espontânea dos grupos que a isso se opõem. Podemos observar ação repressora até mesmo nos grupos que se formam de maneira espontânea como as gangues e as “tribos”, que acabam por impor a seus membros uma determinada linguagem, indumentária e formas de comportamento. Apesar dessas regras serem informais, uma infração pode resultar na expulsão do membro insubordinado.

A segunda característica dos fatos é que eles existem e atuam sobre os indivíduos independentemente de sua vontade ou de sua adesão consciente, sendo, assim, “exteriores aos indivíduos” (“*exterioridade*”). Ao nascermos já encontramos regras sociais, costumes e leis que somos coagidos a aceitar por meio de mecanismos de coerção social, como a educação. Não nos é dada a possibilidade de opinar ou escolher, sendo assim independentes de nós, de nossos desejos e vontades. Por isso, os fatos sociais são ao mesmo tempo “coercitivos” e dotados de existência exterior às consciências individuais.

A terceira característica dos fatos sociais apontadas por Durkheim é a “*generalidade*”. É social todo fato que é geral, que se repete em todos os indivíduos ou, pelo menos, na maioria deles; que ocorre em distintas sociedades, em um determinado momento ou ao longo do tempo. Por essa generalidade, os acontecimentos manifestam sua natureza coletiva, sejam eles os costumes, os sentimentos comuns a grupo, as crenças ou os valores. Formas de habitação, sistemas de comunicação e a moral existente numa sociedade apresentam essa generalidade.

Bibliografia:

Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica

Durkheim acentuava que nas sociedades anteriores ao capitalismo, isto é, nas sociedades tribais e feudais, a divisão do trabalho social era pouco desenvolvido, não havia um grande número de especializações das atividades sociais.

Na sociedade feudal, por exemplo, vimos que a produção de bens de consumo era realizada pelo trabalho artesanal e isso implicava o fato de que uma só pessoa fizesse aquilo de que necessitava, sem depender de outras pessoas. Ao fazer uma mesa, o servo só dependia de seu trabalho individual e isolado. Ao contrário, na sociedade capitalista, as atividades são muito divididas: para fazer uma mesa, o marceneiro depende do trabalho de outras pessoas.

Nas sociedades tribais e feudais, as pessoas não se unem porque uma depende do trabalho da outra, e, sim, são unidas por uma religião, tradição ou sentimento comum a todos.

Esta união das pessoas a partir da semelhança na religião, tradição ou sentimento é o que Durkheim chama de *solidariedade mecânica*.

A solidariedade orgânica, ao contrário aparece quando a divisão do trabalho social aumenta, e aí, como vimos, o que torna as pessoas unidas não é uma crença comum a todos, mas uma interdependência das funções sociais.

A união das pessoas, a partir da dependência que uma tem da outra, para realizar alguma atividade social é o que Durkheim chama de *solidariedade orgânica*.

Podemos tornar estes conceitos mais fáceis de serem entendidos com um exemplo: imaginemos um professor que necessite formar grupos para explicar o tema da aula. O professor pode querer a formação dos grupos a partir de dois critérios: ele pode pedir aos alunos que formem grupos livremente, a partir da amizade existente entre eles; uma segunda opção é pedir aos alunos para formarem grupos de forma que em cada um dos grupos fique uma pessoa que saiba datilografia, uma outra pessoa que saiba desenhar, outra que tenha experiência de redação, e, por fim, uma que domine bem o conteúdo das aulas e que seja o coordenador do grupo.

No primeiro caso, o que une os alunos no grupo é um sentimento, a amizade, de onde teríamos a solidariedade mecânica. No segundo caso, o que os une em grupo é a dependência que cada um tinha da atividade do outro: a união foi dada pela especialização das funções, de onde teríamos a solidariedade orgânica.

Durkheim admite que a solidariedade orgânica é superior à mecânica, pois ao se especializarem as funções a individualidade de certo modo, é ressaltada permitindo maior liberdade de ação.

Bibliografia:

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Conhecendo os Clássicos:

MAX WEBER



O alemão Max Weber (1864-1920), diferentemente de Durkheim, tem como preocupação central compreender o indivíduo e suas ações. Por que as pessoas tomam determinadas decisões? Quais são as razões para seus atos? Segundo este autor, a sociedade existe concretamente, mas não é algo externo e acima das pessoas, e sim o conjunto das ações dos indivíduos relacionando-se reciprocamente. Assim, Weber, partindo do indivíduo e de suas motivações, pretende compreender a sociedade como um todo.

O conceito básico para Weber é o de *ação social*, entendida como o ato de se comunicar, de se relacionar, tendo alguma orientação quanto às ações dos outros. “Outros”, no caso, pode significar tanto um indivíduo apenas como vários, indeterminados e até desconhecidos. Como o próprio Weber exemplifica, o dinheiro é um elemento de intercâmbio que alguém aceita no processo de troca de qualquer bem e que outro indivíduo utiliza porque sua ação está orientada pela expectativa de que outros tantos, conhecidos ou não, estejam dispostos a também aceitá-lo como elemento de troca.

Seguindo esse raciocínio, Weber declara que a ação social não é idêntica a uma ação homogênea de muitos indivíduos. Ele dá um exemplo: quando estão caminhando na rua e começa a chover, muitas pessoas abrem seus guarda-chuvas ao mesmo tempo. A ação de cada indivíduo não está orientada pela dos demais, mas sim pela necessidade de proteger-se da chuva.

Weber também diz que a ação social não é idêntica a uma ação influenciada, que ocorre muito frequentemente nos chamados fenômenos de massa. Quando há uma grande aglomeração, quando se reúnem muitos indivíduos por alguma razão, estes agem influenciados por comportamentos grupais, isto é, fazer determinadas coisas porque todos estão fazendo.

Max Weber, ao analisar o modo como os indivíduos agem e levando em conta a maneira como eles orientam suas ações, agrupou as ações individuais em quatro grandes tipos, a saber: *ação tradicional*, *ação afetiva*, *ação racional com relação a valores* e *ação racional com relação a fins*.

A *ação tradicional* tem por base um costume arraigado, a tradição familiar ou um hábito. É um tipo de ação que se adota quase automaticamente, reagindo a estímulos habituais. Expressões como “Eu sempre fiz assim” ou “Lá em casa sempre se faz deste jeito” exemplificam tais ações.

A *ação afetiva* tem por fundamento os sentimentos de qualquer ordem. O sentido da ação está nela mesma. Age afetivamente quem satisfaz suas necessidades, seus desejos, sejam eles de alegria, de gozo, de vingança, não importa. O que importa é dar vazão às paixões momentâneas. Agem assim aquele indivíduo que diz: “Tudo pelo prazer” ou “O principal é viver o momento”.

A *ação racional com relação a valores* fundamenta-se em convicções, tais como o dever, a dignidade, a beleza, a sabedoria, a piedade ou a

transcendência de uma causa, qualquer que seja seu gênero, sem levar em conta as consequências previsíveis. O indivíduo age baseado naquelas convicções e crê que tem certo “mandado” para fazer aquilo. Se as consequências forem boas ou ruins, prejudiciais ou não, isso não importa, pois ele age de acordo com aquilo em que acredita. Age dessa forma o indivíduo que diz: “Eu acredito que a minha missão aqui na Terra é fazer isso” ou “O fundamental é que nossa causa seja vitoriosa”.

A *ação racional com relação a fins* fundamenta-se numa avaliação da relação entre meios e fins. Nesse tipo de ação, o indivíduo pensa antes de agir em uma dada situação. Age dessa forma o indivíduo que programa, pesa e mede as consequências, e afirma: “Se eu fizer isso ou aquilo, pode acontecer tal ou qual coisa; então, vamos ver qual é a melhor alternativa” ou “creio que seja melhor conseguir tais elementos para podermos atingir aquele alvo, pois, do contrário, não conseguiremos nada e só gastaremos energia e recursos”.

Para Weber, esses tipos de ação social não existem em estado puro, pois os indivíduos, quando agem no cotidiano, mesclam alguns ou vários tipos de ação social. São “tipos ideais”, construções teóricas utilizadas pelo sociólogo para analisar a realidade.

Como se pode perceber, para Weber, ao contrário do que defende Durkheim, as normas, os costumes e as regras sociais não são algo externo ao indivíduo, mas estão internalizados, e, com base no que traz dentro de si, o indivíduo escolhe condutas e comportamentos, dependendo das situações que se lhe apresentam. Assim, as relações sociais consistem na probabilidade de que se aja socialmente com determinado sentido, sempre numa perspectiva de reciprocidade por parte dos outros.

Bibliografia:

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva: 2010.

Caminhos da Racionalidade

O que Max Weber identificou como a principal característica das sociedades ocidentais dos tempos modernos foi aquilo que ele chamou de **racionalidade**. A vida cotidiana se tornou, a partir de então, muito diferente daquela que predominava nas sociedades tradicionais, pré-industriais, e isso ocorreu, basicamente, porque todas as relações das pessoas com o mundo a seu redor – relações econômicas, políticas, sociais, religiosas e até mesmo artísticas – foram sendo impregnadas por um jeito racional de agir. Trata-se de um jeito, como o nome diz, que usa a razão. Mas de onde ele veio, e por que se tornou tão marcante?

Weber concorda que o ponto de partida foi racionalidade foi a economia. Saber quanto custa produzir um bem, como obter crédito, como aproveitar o tempo e ser eficiente para não ter prejuízo, tudo isso se tornou muito importante para a atividade econômica na sociedade industrial.

Mas esse jeito de prever e de calcular não ficou restrito à economia nem aos homens de negócios. Por isso mesmo Weber se interessou tanto por ele. O comportamento racional também estava presente, por exemplo, no campo da Ciência e Tecnologia. Foi exatamente nesse campo que a racionalidade alcançou seu apogeu. As descobertas científicas e os novos inventos se tornaram possíveis graças ao estímulo que as sociedades ocidentais deram à criação racional. A

especialização científica e técnica, a organização da vida com base na divisão de tarefas e em sua distribuição ao longo do dia, dos meses e dos anos foi criando uma nova mentalidade. Entretanto, essa mentalidade tampouco ficou restrita aos cientistas. Não precisamos ser cientistas, como não precisamos ser homens de negócios, para valorizar o planejamento diário. Também não precisamos ser cientistas para respeitar os especialistas. As pessoas comuns foram sendo educadas para confiar neles, para pedir explicações a profissionais, como médicos, advogados, engenheiros, que estudaram os assuntos que as afligem ou que lhes interessam. Palavras como especialização e competência, além de eficiência e cálculo, também são importantes para compreendermos o conceito de racionalidade tal como Max Weber o definiu.

Bibliografia:

BOMENY, Helena. FREIRE-MEDEIROS, Bianca. EMERIQUE, Raquel Balmant. O'DONNELL, Julia. *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

Exercício

1 – (UEG, 2013) A sociologia nasce no século XIX após as revoluções burguesas sob o signo do positivismo elaborado por Augusto Comte. As características do pensamento comtiano são:

- (A) a sociedade é regida por leis sociais tal como a natureza é regida por leis naturais; as ciências humanas devem utilizar os mesmos métodos das ciências naturais e a ciência deve ser neutra.
- (B) a sociedade humana atravessa três estágios sucessivos de evolução: o metafísico, o empírico e o teológico, no qual predomina a religião positivista.
- (C) a sociologia como ciência da sociedade, ao contrário das ciências naturais, não pode ser neutra porque tanto o sujeito quanto o objeto são sociais e estão envolvidos reciprocamente.
- (D) o processo de evolução social ocorre por meio da unidade entre ordem e progresso, o que necessariamente levaria a uma sociedade comunista.

2 – (UNIOESTE, 2012) A filosofia da História – o primeiro tema da filosofia de Augusto Comte – foi sistematizada pelo próprio Comte na célebre “Lei dos Três Estados” e tinha o objetivo de mostrar por que o pensamento positivista deve imperar entre os homens. Sobre a “Lei dos Três Estados” formulada por Comte, é correto afirmar que

- (A) Augusto Comte demonstra com essa lei que todas as ciências e o espírito humano desenvolvem-se na seguinte ordem em três fases distintas ao longo da história: a positiva, a teológica e a metafísica.
- (B) na “Lei dos Três Estados” a argumentação desempenha um papel de primeiro plano no estado teológico. O estado teológico, na sua visão, corresponde a uma etapa posterior ao estado positivo.
- (C) o estado teológico, segundo está formulada na “Lei dos Três Estados”, não tem o poder de tornar a sociedade mais coesa e nenhum papel na fundamentação da vida moral.
- (D) o estado positivista apresenta-se na “Lei dos Três Estados” como o momento em que a observação

prevalece sobre a imaginação e a argumentação, e na busca de leis imutáveis nos fenômenos observáveis.

(E) para Comte, o estado metafísico não tem contato com o estado teológico, pois somente o estado metafísico procura soluções absolutas e universais para os problemas do homem.

3 – (UNIMONTES, 2012) Auguste Comte (1798-1857) foi um pensador positivista que propôs uma nova ciência social à Sociologia, que inicialmente foi chamada de Física Social. Sobre os princípios dessa ciência para esse autor, analise as afirmativas e assinale as alternativas, marcando V para verdadeiro ou F para falso.

- () No estágio positivo, a vida social será explicada pela filosofia, triunfando sobre todas as outras formas de pensamento.
- () A imposição da disciplina era, para os positivistas, uma função primordial da escola, pois ali os membros de uma sociedade aprenderiam, desde pequenos, a importância da obediência e da hierarquia.
- () A maturidade do espírito seria encontrada na ciência; por isso, na escola de inspiração positivista, os estudos literários e artísticos prevalecem sobre os científicos.
- () Defendeu a necessidade de substituir a educação europeia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme o espírito da civilização moderna.

A sequência correta é

- (A) F,V,V,F.
- (B) F,V,F,V.
- (C) V,F,F,F.
- (D) V,V,V,F.

4 - (UFU, 2016) A Sociologia surge no século XIX, momento marcado por uma intensa crise social na Europa. Émile Durkheim não deixou de ser influenciado por esse contexto. Nesse sentido, um dos seus objetivos era fazer da Sociologia uma disciplina científica capaz de criar repostas aos desafios enfrentados pela sociedade moderna.

Entre os desafios, colocava-se a crescente contradição entre capital e trabalho, entendida pelo autor como um exemplo dos efeitos de um estado de anomia, caracterizado

- (A) pela excessiva regulamentação estatal sobre as atividades econômicas.
- (B) pela intensificação dos laços de solidariedade mecânica no interior das corporações.
- (C) pela ausência de instituições capazes de exercerem um poder moral sobre os indivíduos.
- (D) pelo aprofundamento da desigualdade econômica.

5 – (UNIOESTE, 2015) “Solidariedade orgânica” e “solidariedade mecânica” são conceitos propostos pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) para explicar a 'coesão social' em diferentes tipos de sociedade.

De acordo com as teses desse estudioso, nas sociedades ocidentais modernas, prevalece a 'solidariedade orgânica', onde os indivíduos se percebem diferentes embora dependentes uns dos outros. A lógica do mercado capitalista, entretanto, baseada na competição individualista em busca do lucro, pode corromper os vínculos de solidariedade que asseguram a coesão social e conduzir a uma situação de 'anomia'.

De acordo com os postulados de Durkheim, é CORRETO dizer que o conceito de “anomia” indica

- (A) a necessidade de todos demonstrarem solidariedade com os mais necessitados.
- (B) uma situação na qual aqueles indivíduos portadores de um senso moral superior devem se colocar como líderes dos grupos dos quais fazem parte.
- (C) a condição na qual os indivíduos não se identificam como membros de um grupo que compartilha as mesmas regras e normas e têm dificuldades para distinguir, por exemplo, o certo do errado e o justo do injusto.
- (D) o consumismo exacerbado das novas gerações, representado pelo aumento do número de shopping centers nas cidades.
- (E) a solidariedade que as pessoas demonstram quando entoam cantos nacionalistas e patrióticos em manifestações públicas como os jogos das seleções nacionais de futebol.

6 - (UNIOESTE, 2012) Émile Durkheim é considerado um dos fundadores das Ciências Sociais e entre as suas diversas obras se destacam “As Regras do Método Sociológico”, “O Suicídio” e “Da Divisão do Trabalho Social”. Sobre este último estudo, é correto afirmar que

- (A) a divisão do trabalho possui um importante papel social. Muito além do aumento da produtividade econômica, a divisão garante a coesão social ao possibilitar o surgimento de um tipo específico de solidariedade.
- (B) a solidariedade mecânica é o resultado do desenvolvimento da industrialização, que garantiu uma robotização dos comportamentos humanos.
- (C) a solidariedade orgânica refere-se às relações sociais estabelecidas nas sociedades mais tradicionais. O nome remete ao entendimento da harmonia existentes nas comunidades de menor taxa demográfica.
- (D) indiferente dos tipos de solidariedade predominantes, o crime necessita ser punido por representar uma ofensa às liberdades e à consciência individual existente em cada ser humano.

7- (UEG, 2015) Para Marx, diante da tentativa humana de explicar a realidade e dar regras de ação, é preciso considerar as formas de conhecimento ilusório que mascaram os conflitos sociais. Nesse sentido, a ideologia adquire um caráter negativo, torna-se um instrumento de dominação na medida em que naturaliza o que deveria ser explicado como resultado da ação histórico-social dos homens, e universaliza os interesses de uma classe como interesse de todos. A partir de tal concepção de ideologia, constata-se que

- (A) a sociedade capitalista transforma todas as formas de consciência em representações ilusórias da realidade conforme os interesses da classe dominante.
- (B) ao mesmo tempo que Marx critica a ideologia ele a considera um elemento fundamental no processo de emancipação da classe trabalhadora.
- (C) a superação da cegueira coletiva imposta pela ideologia é um produto do esforço individual principalmente dos indivíduos da classe dominante.
- (D) a frase “o trabalho dignifica o homem” parte de uma noção genérica e abstrata de trabalho, mascarando as reais condições do trabalho alienado no modo de produção capitalista.

8 - (UEM, 2012) Escrito há quase duzentos anos, por Karl Marx e Friedrich Engels, o Manifesto Comunista denunciava as desigualdades sociais vividas pelos homens na sociedade capitalista. Leia trecho dessa obra, reproduzido a seguir, e assinale o que for correto sobre o desenvolvimento econômico.

“A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas [...] A manufatura já não era suficiente. Em consequência disso, o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna, o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos”

(MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, 10ª Edição, p.09 e 11 – Coleção Leitura).

- I- A passagem da manufatura para indústria gerou um processo de modificação do espaço natural que foi bastante equilibrado, sem prejuízos ao meio ambiente.
- II - O trecho acima se refere ao contexto de formação da sociedade capitalista e à composição dos antagonismos de classe, os quais opõem proprietários dos meios de produção e proprietários da força de trabalho.
- III - As relações estabelecidas pelas classes sociais na sociedade burguesa moderna são pautadas pela cooperação, a qual conduz ao desenvolvimento econômico gerador de melhor condição de vida para todos.
- IV - As relações de troca se revolucionaram em virtude de o crescimento da burguesia moderna ter ocorrido na mesma proporção do crescimento da produção industrial.
- V - O desenvolvimento da indústria está assentado no emprego do trabalho humano, o único detentor de conhecimento para alterar a matéria-prima, a partir do uso de instrumentos que ele mesmo produz.

Estão corretas:

- (A) II, IV, V
- (B) I, II, V
- (C) III, IV, V
- (D) I, IV, V
- (E) I, II, III

9 - (UFU, 2000) De acordo com a teoria de Marx, a desigualdade social se explica

- (A) pela distribuição da riqueza de acordo com o esforço de cada um no desempenho de seu trabalho.
- (B) pela divisão da sociedade em classes sociais, decorrente da separação entre proprietários e não proprietários dos meios de produção.
- (C) pelas diferenças de inteligência e habilidades inatas dos indivíduos, determinadas biologicamente.
- (D) pela apropriação das condições de trabalho pelos homens mais capazes em contextos históricos, marcados pela igualdade de oportunidades.

10 - (UNISC, 2016) Leia atentamente o texto e responda a questão assinalando uma das alternativas abaixo.

“Max Weber frequentemente utilizou a imagem da máquina na análise da natureza da organização burocrática. Tal como uma máquina, a burocracia era o sistema de utilização de energias para a execução de tarefas específicas. O membro de uma burocracia ‘é apenas uma peça em um mecanismo móvel que lhe prescreve uma marcha essencialmente fixa. A burocracia, em comum com a máquina, poderia ser posta a serviço de muitas questões diferentes. Mais ainda, uma organização burocrática funciona tão eficientemente a ponto de seus membros serem ‘desumanizados’: a burocracia ‘desenvolvida mais perfeitamente... mais completamente tem sucesso em eliminar das atribuições dos funcionários amor, ódio e todos os elementos puramente pessoais, irracionais e emocionais que escapem ao cálculo’. [...] O avanço da burocracia aprisionava as pessoas na Gehäuse der Hörigkeit, a ‘jaula de ferro’ da divisão especializada do trabalho da qual dependia a administração da ordem social e econômica moderna [...]”.

GIDDENS, Anthony. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 58-59.

Segundo o texto acima, sobre o conceito de burocracia de Max Weber, é correto afirmar que

- (A) a burocracia é um sistema eficiente de organização do trabalho somente quando é aplicado em poucas questões específicas.
- (B) a burocracia consiste em um sistema de divisão especializada do trabalho que busca a eficiência a partir de atribuições impessoais, racionais e calculadas impostas aos seus funcionários.
- (C) os funcionários burocráticos podem se expressar livremente, desde que dentro de regras prescritas de forma impessoal e calculada.
- (D) a burocracia é um sistema arcaico que deve ser superado por outros processos de administração do trabalho típicos da modernidade.
- (E) nenhuma das alternativas acima pode ser afirmada corretamente sobre o conceito de burocracia.

11- (UEMA, 2012) No conjunto da sua Sociologia compreensiva, o sociólogo alemão Max Weber define ação social como ação

- (A) racional em que o agente associa um sentido objetivo aos fatos sociais.
- (B) desprovida de sentido subjetivo e motivacional.
- (C) humana associada a um sentido objetivo.
- (D) cuja intenção fomentada pelos indivíduos se refere à conduta de outros, orientando-se por ela.
- (E) não orientada significativamente pela conduta do outro em prol de um bem comum.

12 - (UNICENTRO, 2012) Do ponto de vista do agente, o motivo é o fundamento da ação; para o sociólogo, cuja tarefa é compreender essa ação, a reconstrução do motivo é fundamental, porque, da sua perspectiva, ele figura como a causa da ação. Numerosas distinções podem ser estabelecidas e Weber realmente o faz. No entanto, apenas interessa assinalar que, quando se fala de sentido na sua acepção mais importante para a análise, não se está cogitando da gênese da ação, mas sim daquilo para o que ela aponta, para o objetivo visado nela; para o seu fim, em suma.

COHN, Gabriel (Org.). Max Weber: sociologia. São Paulo: Ática, 1979.

A categoria weberiana que melhor explica o texto em evidência está explicitada em

- (A) A ação social possui um sentido que orienta a conduta dos atores sociais.
- (B) A luta de classes tem sentido porque é o que move a história dos homens.
- (C) Os fatos sociais não são coisas, e sim acontecimentos que precisam ser analisados.
- (D) O tipo ideal é uma construção teórica abstrata que permite a análise de casos particulares.
- (E) O sociólogo deve investigar o sentido das ações que não são orientadas pelas ações de outros.

12 – (UEL, 2014) Weber compreende a cidade como uma expressão tipicamente ligada à racionalidade ocidental.

Com base nos conhecimentos da sociologia weberiana sobre a racionalidade ocidental, considere as afirmativas a seguir.

- I. A compreensão da cidade ocidental moderna é possível quando se considera uma sequência causal universal na história.
- II. A existência do capitalismo como sociedade específica do mundo ocidental moderno explica o surgimento das cidades.
- III. A explicação da cidade no Ocidente exige compreender a existência de diferentes formas do poder e da dominação.
- IV. Um dos traços fundamentais da cidade no Ocidente é a constituição de um corpo burocrático administrativo regular.

Assinale a alternativa correta.

- (A) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (B) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (D) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

